

A Hypnos indica:

*Ensaio sobre o tempo na Filosofia Antiga*, de Fernando Rey Puente, é um livro curto com um tema complexo: o tempo. Para aqueles que querem se iniciar no assunto, o autor oferece algumas figurações do tempo de Homero a Aristóteles, adentra pela noção de *exaiþhnes* em Platão, relaciona tempo e liberdade nos estóico, tempo e ação em Aristóteles, em Marco Aurélio, e chega a uma comparação entre Aristóteles e Plotino. Livro introdutório de importância para os pesquisadores (Ed. Annablume, SP, col. Archai).

*A vida estóica – emoções, obrigações, destino*, de Tad Brennan (trad. de Marcelo Consentino, 2010, para a ed. Loyola, SP), tem edição original pela Oxford Univ. Press (England, 2005). É uma obra cuidadosa que tenta refazer a ligação estóica entre natureza, conhecimento, ação, ligação básica para o Pórtico, e aborda com muita clareza conceitos fundamentais como os indiferentes, a *oikeiôsis* e, o que costuma chamar a atenção dos leitores interessados nos estóicos, o Destino (*Heimarméne*). Um bom índice para facilitar o trabalho do estudioso está ao final do livro com o nome dos atuais recolhedores dos fragmentos estóicos de língua inglesa, apenas: Long & Sedley, Inwood & Gerson e, evidentemente, a obra básica (latim, grego) *Stoicorum Veterum Fragmenta*, de I. Von Arnim (são indicações e não as próprias citações).

*Novos estudos aristotélicos I – epistemologia, lógica e dialética*, de Enrico Berti (trad. de Elcio G. Verçosa Fº, 2010, para a ed. Loyola, edição original da ed. Morcelliana, Itália, 2004). Trata-se de obra inserida na coleção Aristotélica, dirigida por Marcelo Perine para a ed. Loyola. Enrico Berti é conhecido no Brasil e já tem escritos na *Hypnos*. Nesta obra, além de fazer um apanhado dos atuais estudos sobre Aristóteles, ensina o que denomina “Estratégias de interpretação dos filósofos antigos, na primeira parte. Nas outras partes – e são tres longas partes ao todo e dois longos apêndices – , Berti focaliza a epistemologia aristotélica e a influência da dialética nos seus escritos, e que lhe é anterior. Aos aristotélicos, principalmente, obra fundamental.

*La philosophie stoïcienne de l’art*, de Mary-Anne Zadgoun (CNRS ed.). Esta obra, de 2000, chegou na França num momento em que muito sobre o

176 Estoicismo antigo tem sido escrito – e não tanto no Brasil. Não pode passar despercebida para os interessados, não só pelo cuidado da autora ao expor partes pouco estudados da Stoa, como porque a questão da Arte não tem sido muito estudada nos filósofos antigos, apesar da importância que este tema tem. Mary-Anne Zadgoun não é sintética: desde definições como *téchne*, *phúsis* e *epistéme*, passando pela definição possível de arte para os estóicos, a autora avança para arte e linguagem e arte e sabedoria. Não é pouca coisa, nem simples. Leitura indispensável para os pesquisadores da filosofia helenística.

*Espinosa e Vermeer, imanência na filosofia e na pintura*, de Sara Hornäk (ed. Original de Königshausen&Neumann, Würzburg, Alemanha, 2004), foi traduzido pela ed. Paulus, 2010, por Saulo Krieger, sendo editada na coleção *Philosophica* coordenada por Rachel Gazolla. Sensível obra de Hornäk, que trabalha a noção de transcendência em Espinosa, usando, como não poderia deixar de ser, alguns filósofos antigos. Ao buscar a relação da visão espinosana com a pintura de Johannes Vermeer, seus tons de luz e sombra, os espectros criados pelas formas e conteúdos de seus quadros, a autora cria uma obra paradigmática para a boa reflexão sobre como se deve relacionar filosofia e produção artística.